

epitaphica

DAS LETRAS E DAS ARTES

ÁFRICA, E TRIBOS BRAS PRIMAS

Por CLAUDE SERVOISE

da exposição. Ele confessa recuar que a sua intuição seja por vezes arbitrária. Mas esta escolha rigorosa tem uma dupla finalidade: chamar a atenção para a diversidade da arte africana em geral, e, para mais, ressaltar a originalidade tribal de cada uma das obras, em relação às produções das tribos vizinhas. Numa introdução ao catálogo da exposição, Fagú escreve a este respeito: «É difícil para os europeus compreender a que ponto as artes tribais da África são diversas, porque no decorrer dos dois últimos milénios, as artes nacionais dos países da Europa foram promíscuas no interior de um mesmo universo, isto quando as tribos africanas têm utilizado separados que diferem um dos outros mais ainda do que a arte europeia difere da chinesa».

Fagú acabou. O resultado da sua selecção é de qualidade excepcional, e atingiu o seu duplo objectivo. A diversidade da arte africana? Exprime-se de várias maneiras. Primeiro, os materiais são variados: desde a madeira predilecta, mais mesmo em países de floresta encontramos estatuas de pedra, tais como as estatuas divinatórias em pedra sabão dos Kistis da Guiné, ou as dos Sherbo da Serra Leoa, representando, sem dúvida, antepassados. No país do ouro, os Ashanti do Gambia fabricam igualmente figuras de terra cozida. Na Nigéria as mulheres trabalham o gesso, sem torno de oleiro e sem forno, há mais de dois séculos. Quanto aos bronzes, provêm do antigo reino do Benin, onde desde o século XIV se pratica a técnica muito evoluída da cera perdida.

A segunda diversidade é a dos meios de expressão. Lembrem-se Dan (Guiné) e Baule (Costa do Marfim) são sóbrias e clássicas. As míscaras Balminké e Bawule (Congo-Brazzaville) pintadas de branco, têm uma aparência espectral e uma expressão de vida e feminina, enquanto que a máscara Ekoi (Nigéria, Camerun) é fortemente masculina e de teatralidade do grotesco. Finalmente, o eféctico cómico é levado ao extremo

Estatua de bronze do Médio Níger

Faris viu recentemente uma importante exposição de arte africana, que esteve patente no Museu de Artes Decorativas (Palais du Louvre). Foi organizada pelo Comité das Artes do Congresso pela Liberdade da Cultura, sob a direcção do seu secretário-geral, Nicolas Nabokov e de M.^{me} Faby d'Arsohot, com a preciosa colaboração de William Fagú, conservador do Departamento de Etnografia do British Museum. Esta exposição apresentou com lucididade que bastam o que um mesmo número de tribos produziu de melhor plasticamente. Uns tribos museus e coleccionadores da Europa, África e América, emprestaram o seu concurso a esta tentativa original de melhor conhecer a arte e a alma da África negra.

M.^{me} Claude Servoise, autora deste artigo é uma arqueóloga em missão no Museu do Louvre, e que fez recentemente uma longa estadia na África Oriental.

—Esta exposição de arte africana, recolhida e apresentada em Paris, no Museu de Artes Decorativas, já conheceu um grande êxito em Berlim, quando do Póvoa e Belas-Artes. A ideia tem isto de original: com tribos africanas repartidas numa área que vai da costa Atlântica à costa do Oceano Índico (do Senegal ao Tangânica); dos desertos do Sudão e do Tchad ao Equador, são representados nesta exposição. Mas cada uma delas delegou, de certo modo, uma escultura única que deseje, por si só, reunir o que uma tribo produziu de melhor. A escultura nem sempre foi fácil, reconhece William Fagú, conservador do Departamento de Etnografia do British Museum de Londres, que assume a direcção científica

pelos Bamule, como o prova a máscara Bacham de um «cubismo» acentuado.

Se a arte africana é essencialmente religiosa, esta exposição sobe a acrescentar às míscaras rituais e estatuas mágicas ou propiciatórias, objectos de corte, tais como a cabeça de Iyé (Nigéria).

(Continua na última página do Suplemento Literário)

CAMERÃO

UM ESCRITOR UNIVERSAL

Há alguns anos, como membro do júri de um concurso literário da Casa dos Estudantes do Império, descobri um extraordinário narrador, que se chamava Luandino Vieira. Era um criador na plena acepção da palavra — verdadeiro demigou com o qual nascia ante os nossos olhos um mundo africano, quente e amargo, num estilo, direi mesmo, num fogão por ele forjado com a palavra viva do musseque, fala crioula, dinâmica, plástica, poética, de riquíssimas virtualidades.

Vem agora a público Luandino Vieira na edição de três volumes reunidos sob o título comum «Luandino», a anunciar-nos obra mais vasta, já elaborada e pronta para a impressão. O facto é de tal modo relevante no campo das letras de expressão portuguesa que justifica este breve comentário, a anteceder crítica mais detida e mais profunda. Trata-se, com efeito, do surto luminoso de um grande ficcionista, que encarna o povo de Luanda e lhe dá voz, que traduz os seus sonhos a sua simplicidade as suas venturas breves e longos sofrimentos. Vavó Xiti e Zeca Santos, no quadro das barracas pobres, que não destroem o sorriso ingenuo uma simples alegria de viver, são figuras universais. Tanto mais universal quanto mais fortemente radicadas. Tal como sucede com um Guimarães Rosa, que pelo atento e subtil pesquisar de uma realidade local, física e psicológica, fixada no próprio idioma oral brasileiro, opulento de formas clássicas e de matizes regionais, transcende ao plano das obras maiores do nosso tempo, assim Luandino Vieira, escritor que honra a língua portuguesa, na sua variedade e riqueza dialectal, se impõe pela íntima união da matéria ficção — a vida do arrabalde negro — e da massa verbal por onde ele se coa.

Amanhã — eis um v. t. c. lançado ante o qual não hesito — Luandino Vieira será não só o mais vivo emissor da literatura portuguesa, mas ainda uma figura de realce mundial, por pouco que um cen dos seus contos isto belo, tão complexo, de um longo período de tempo, chegue aos ares do espaço da literatura contemporânea.

V. T. R.

ROMEU CORREIA

FALA-NOS DA PEÇA QUE TEM EM MÃOS

SOBRE A FIGURA DE BOGAGE



ROMEU CORREIA

e azares acontecidos na aventura de Manuel Maria Barbosa do Bocage. As histórias que lhe são atribuídas ao longo do diálogo são fiadas com da sua autoria. Uma rapariga da rua canta uma canção de Camões:

Vai o bem fugindo,
cresce o mal aos anos,
Vícios descoberto
ao tempo os enganos.

Amor e alegria
menos tempo dura.
Triste de quem fia
nos bens da ventura.

Quem vive contente,
viva escasso
mal que se não sente,
é mais perigoso.

doventos que se evocam são científicos.

— E se falássemos agora um pouco sobre a possível encenação deste texto?

— Um estrado largo e fundo, limitado pelo azul do céu e uma bem apetrechada aparelhagem sonora, são factores fundamentais. Quanto a cenário, a tarefa torna-se mais fácil: biombo desmontável e pequenos apontamentos. A cor e a este representação exerce de um exuberante colorido! — é de preferência feita através do projector eléctrico que ilumina o papel pintado. Para os biombo evocativos de lugares históricos, botou-se ao preço público, será conveniente recorrer a gravuras da época, ampladas a preto e branco.

Já o mesmo não acontece com a roupagem das personagens que deverá ser historicamente exacta e rica.

Na representação de outro texto, deve manter-se a alma viva e íngenuo dos espectáculos de feira do século passado.

É tudo sobre a mialha nova peça — «BOGAGE».

CA CHECAL

A paisagem escocesa no pescoço estigado.
Um quadrado de vento
um quadrado de frio
uma fração de tempo
um sorriso coado
e o silêncio traidor em desafio.
O roteir passado perdurando a alma viva
a alma chateada num museu moderno.
Ter a paisagem exata
o talento produtivo
e uma chapéu de Imagens num postal escrito
dama lua de mel nos desportos de Inverno.

JOSE CARLOS ARY DOS SANTOS

Do livro no prelo «Adequos, Adequos» (coleção Poésias e Verdade, — Guimarães Editores).

DESPEDIDA

Do navio
Do parte
Ao longo do cal,
A voz do adém
Repete uma prece...

Depois
Fica
O mar
E o teu
Emoldurando a noite
E uma galvoia branca
A evocar o teu tédio...
(Do Livro «Faz Págs»)

MANUELA AMARAL